

Ao espírito livre de Sandra Mara Corazza

Vidas Sonhadas em Educação

Paola Zordan
Fabiano Neu Pinto
(Orgs.)



Vidas Sonhadas em Educação

Paola Zordan
Fabiano Neu Pinto
(Orgs.)



Porto Alegre
2022

© Dos Autores - 2022.

[Projeto gráfico, layout de capa e diagramação]

Fabiano Neu.

[Imagem de capa]

Sonda Onírica das Escriteiras, por Fabiano Neu — composição com *La Bonne Aventure*, de René Magritte, e *Fundo Lunar Pictórico*, de Paola Zordan.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

V648

Vidas sonhadas em educação / Paola Zordan, Fabiano Neu
Pinto (Organizadores). - 1. ed. - Porto Alegre: UFRGS/Rede
de Pesquisa Escriteiras, 2022.

112 p.

ISBN 978-65-5973-114-5

1. Biografia 2. Sandra Mara Corazza 3. Filosofia da diferen-
ça I. Zordan, Paola II. Pinto, Fabiano Neu III.Título

CDU: 929

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

AULA

universos remotos

Cristiano Bedin da Costa

Marcos da Rocha Oliveira



Começou às 18:35, com dezessete participantes, e terminou noventa e três minutos depois, às 20:08, com um professor e vinte e dois alunos (quinze estiveram presentes do início ao fim).

Entre 19:07 e 19:29, o professor falou sobre o que denominou unidades traumáticas de formação, noção construída através do léxico barthesiano e da psicanálise freudo-lacanianiana. Defino o trauma, ele disse, através da articulação entre o sujeito e o signo, sendo que a experiência traumática é aquela na qual o sentido não se deixa reduzir a nenhuma informação verbal.

Antes de tudo, M. quase sorriu ao escrever Hermeto Pascoal e a intuição.

O relógio marcava 19:09, e vinte e seis alunos acompanhavam a aula em silêncio (vinte e dois estavam com a câmera desligada, quatro tinham fotos, um era personagem de anime). X. segurava maquinalmente a esferográfica apontando para as diferentes coisas de seu quarto (quando ouviu a palavra reduzir, sem perceber, desviou-a no instante para outra direção, na qual não havia nada). É como se o sujeito fosse

traído pelo signo, o professor prosseguiu, porque o signo relega o sujeito a uma espécie de grau zero de presença, colocando o corpo — a carne, os gestos, suas próprias ideias — em seu lugar.

Enquanto B. lembrava da frase meu corpo não tem as mesmas ideias que eu, uma fotografia da série *La ligne d'eau*, de Sara Palmieri, era compartilhada na tela. Nem vem, disse L. a seu gato (durante a aula, ela bebeu duas canecas inteiras de chá). Há muitas coisas sem sentido em nossa vida, existem incontáveis coisas insignificantes em uma aula. Todos concordaram que esse era um problema bastante conhecido, e ninguém teve dificuldade em aceitar que a aula não estava tratando de coisas desse tipo. Uma faixa traumática de significação é a marca de um excesso, é a presença de um significante sem significado definido, o professor arriscava (e que por isso precisa ser construído de modo autoral, pensou X., sem tomar nota).

Às 19:13, tudo ficou mais claro para T., quando ouviu o professor falar que o traumático é uma força de significação (um apelo de sentido, uma convocação incessante de sentido, ele prosseguiu, e não a imposição de um sentido). Se aceitamos o trauma como chave de leitura para pensar a formação, isso implica reservar, para a transmissão didática, certa dose desses sentidos que são sentidos potenciais, sentidos que mais do que dar a entender, por gerarem incômodo, de um modo ou de outro, dão a pensar e a produzir. Daí, outra vez, a dificuldade ou até mesmo a impossibilidade de planejar uma experiência de tal ordem.

E., Y., C., A., F., F., I., I., S., T., L., L., B., C., M., A., R., P. e B. concordaram que há sempre algo de impossível em uma experiência traumática, já que o perigo do desconhecido está sempre presente. F. logo escreveu no chat análise terminável e interminável?, e I. respondeu sim! também pensei nisso.

O relógio marcava 19:17 quando o professor viu os comentários no chat e falou brevemente sobre o fato de educar ser uma tarefa impossível, lembrando que para Freud impossível não queria dizer irrea-

lizável. Os dedos de E. se modificavam pelo aprendizado. X. lia Murakami mantendo o livro abaixo da linha da câmera, por vergonha.

Às 19:22, B. ergueu a mão, e o professor imediatamente passou a palavra. Com a câmera desligada, A. escutou sobre a importância do medo para uma prática docente que pretende ser engajada. Olhando a tela, S. não conseguia definir se o que estava vendo era um deserto ou o pedaço de uma rocha. E isso foi quando R. escreveu em seu caderno que o domínio da técnica não basta perante a consideração do Outro.

19:26 foi a hora em que M. desligou sua câmera.

19:27 foi quando S. riu.

Às 19:28, o gato estava no colo de L. O pulso de A. buscava um piano.

Às 19:29, D. imaginou que a palavra passava entre mãos estendidas, não erguidas.

N. voltou à anotação de outra aula, a docência é o exercício de uma responsabilidade alegre, escrita em tinta preta sobre a fotografia de Roland Barthes ao quadro. Há muitas coisas insignificantes em nossa vida, existem incontáveis coisas sem sentido em uma aula.

Em linhas bastante gerais, o professor insistia, nossa aventura é assim definida: sou aquele que se apropria de dados curriculares (dados esses que são produzidos em diferentes campos de criação; dados que também são valores, crenças, conhecimentos, conceitos, verdades) e desloco-os para uma cena dramática, que é a cena da aula. A aula é uma ocasião de dramatização de cantos anteriores, uma dramatização de vozes que chegam de outro tempo, e que tento — por obrigação ou escolha — sustentar no presente. É na aula, então, que a docência se depara com uma utopia de autoatualização (que se quer) compartilhada.

L. percebeu que era 19:33 quando começou a escutar sobre transposição didática.

C., I. e F. pensavam por pensar.

G. não abriu o microfone e cantarolou Mercedes Sosa para a câmera como sem querer. B. silenciou ao franzir a testa. Alguém nem

percebeu. F. e F. deram de ombros. Outra fotografia, agora de Susan Meiselas, que I., A., C. e P. conheciam, era compartilhada pelo professor e dividia o espaço da tela de S. com uma página do Word.

Lembre-se de desconfiar, alguém poderia ter dito.

M., R. e I. sempre gostaram das aulas expositivas. N. riscou a frase a aula busca desregulagens sutis do campo da Didática e fez um asterisco em a aula é um depoimento de oficina da aula: pensar em voz alta a pesquisa.

R. ouvia as primeiras gotas de chuva e começava a se imaginar falando diante de uma turma sem rostos em uma sala de aula esverdeada e barulhenta a existir em um tempo qualquer, em uma cidade específica. As frases se alongavam sem pressa e agora se concentravam pesadamente nos detalhes. Nos detalhes. Nos detalhes. Como alguns pingos de chuva que caem mais pesados.

Não haviam discos para riscar no telefone. Não haviam cristais para o chão do perfil. Mas, choveu e os dedos de E. deslizavam sem parar com nada a deslindar.

19:47. Palmieri, de novo. Depois, L. colocou o livro de Chimamanda na câmera e se deu por satisfeita.

Ficamos com a impressão, às 19:49, que os momentos em que A. demonstra maior interesse são os mesmos em que T. se afasta.

N. sabia de seu esforço para resistir à banalização das palavras e ao cansaço. C. repetiu o início de *Um retrato do artista quando jovem*.

Era uma vez e uma vez muito boa mesmo e uma mulher que fazia das tripas coração para acreditar que aquilo era de fato o que ela queria ser e fazer. Há um escritor português, alguém digitou e apagou Mãe, voltando atrás. Nada a ler.

Era uma vez um homem cansado, que mesmo nos casos extremos em que tudo estava em jogo, seguia vivendo como se nada estivesse acontecendo. Há uma música..., idem.

Era uma vez um professor e uma turma em uma aula.

Há, ainda há.

G. entendia que toda a lista de referências era como o inventário das coisas de Spinoza, morto: um testamento fosco, um descanso do sentimento que se fazia presente.

Experimentar comunitariamente diversas políticas cognitivas pareceu uma balela para K., e encheu os olhos de E.

Era 19:53 quando Y. pareceu estar desconfortável com a referência ao trabalho de Peter Handke, de quem não gostava, e foi na mesma hora que A. escreveu fabulamos pensar o pensamento em ato, sustentando a fala em flutuação – sobre a reprodução de uma fotografia de Paul Valéry.

Já chovia forte quando P. saiu sem se despedir. Tinha entrado na sala às 18:27, antes da aula começar. Esperou em silêncio até às 18:33, quando perguntou ao professor sobre o trabalho final (R., A. e I. ouviram com atenção a resposta).

É preciso continuar, não posso continuar, vou continuar, resolveu S., sem saber se a frase era de M., de W. ou de algum inominável (no silêncio não se sabe).

Uma aula virtualizada é solta no tempo e mesmo assim o corpo é um espaço.

S. não abriu a guarda depois de baixar o olhar e voltar. Filiar-se didaticamente a traços docentes inventivos. Havia sete setes no texto, contou A. ao pensar em ler para o grupo. Há mesmo muitas coisas em nossa vida, existem incontáveis coisas em uma aula.

Os primeiros trinta minutos da aula foram dedicados à noção de desejo de docência, que a turma entendeu ser a formação de um desejo de saber atravessado pela dimensão relacional que constitui uma aula. Era a anotação de L. que pretendia estender para algo como uma turma.

M. fez referência à paixão da ignorância, de Christian Dunker, que na semana anterior havia sido apresentada pelo grupo formado por E., A., I. e L. Uma relação produtiva com o não-saber, sendo a lacuna de

sentido a propedêutica para a pesquisa — tal como estava escrito no caderno de A. Se perspectivamos nossa prática a partir dessa paixão da ignorância, disse M., uma paixão que vincula o desejo de dizer ao desejo de escutar, entra em cena um saber não instrumental — como um saber específico para fazer algo —, mas sim um saber reflexivo sobre o próprio fazer.

S. digitou *viva bell hooks!* e anotou em itálico *autoatualização = um olhar crítico para o próprio fazer.*

Entre 18:42:50 e 18:42:57, em instantes vizinhos, E. e M. experimentaram uma breve sensação de leveza (não seria errado dizer que me sinto feliz, poderia ter pensado E.).

Alguém deveria ter o livro de Kundera, L. Alguém deveria pensar nas lições de Calvino, F. Alguém deveria dizer o que se passa, R. Alguém deveria citar o especismo, S. Alguém deveria voltar ao que importa, B. Alguém deveria contar o medo da aula, C.

Havia *Pergunte ao pó* entre os livros no quintal de I. e a chuva incansável. Lembre-se de que alguém poderia ter dito, sem desconfiar.

A articulação entre o desejo docente (defendido pelo professor como uma vontade de aula, isto é, desejo do Outro) e o saber reflexivo sobre o próprio fazer (todo gesto é tanto um traço identitário quanto um obstáculo a ser transposto em um processo formativo sem reconciliação final) fez F. pensar em simulacros e cópias com defeitos de fabricação. F. lembrou de Tom Zé e D. imaginou a fotografia da marcha dos simulacros justamente no seu primeiro dia de escola.

R. acendeu um cigarro quando o professor citou Homi Bhabha, e T. comentou sobre o modo como a noção de aventura é abordada no texto *A formação do professor pesquisador e a criação pedagógica*, discutido três semanas atrás. T. possui mãos coloridas e B. sente a chuva de flores de *Cem anos de solidão*. D. imaginou uma fotografia melhor.

E., S. e Y. lembraram da relação feita pelo professor entre a aventura e o saber fotográfico em Roland Barthes e P. só lembrou da capa de A

aventura semiológica dos tempos de biblioteca aberta.

F. pensou na morte e no contexto macropolítico brasileiro, flutuou por entre o bio e o necro, sentiu-se só. B. pensou em um sonho. Ninguém quis saber de sua vez. O que foi que ele disse?

Era uma vez era onde N. ainda estava. Anotou ensinar e aprender como um docente à caminho e riscou fabulamos pensar o pensamento em ato, sustentando a fala em flutuação.

18:59. Vemos Y. bocejar.

Há uma bandeira. Lembre-se de desconfiar.

Procura-se a palavra bosquejar.

Tive a impressão de estar vivendo um momento de plenitude absoluta, leu A., às 19:02, hora em que dividia o olhar entre a tela e a página do livro. O sol ainda não se levantara (ponto) o mar era indistinguível do céu, M. deu sequência lendo o início de *As ondas*.

Nenhuma objeção a que as coisas seguissem esse rumo.

Ao contrário.

Entre 19:03:04 e 19:03:34, P. era visto em um plano sequência ao ir até a janela e voltar. Trinta segundos mágicos. *A hora dos assassinos* (um estudo sobre Rimbaud) era o porta-canecas do professor.

Falta trabalhar com o máximo esforço e saber da potência do mínimo resultado, registrou quem relatava sem convicção.

Só nos olhos das pessoas é que eu procurava o macio interno delas, pensou quem então escutava, desde um íntimo sertão.

Disponibilidades luminosas.

Era 19:06:48 quando R. ouviu o professor dizer talvez — e ele dizia estar pensando no campo das licenciaturas —, bem, talvez seja necessário pensar em pequenos traumas, pequenas unidades traumáticas de formação. Y. pensou na avó e sua imagem piscou.

Há nossa vida. Existe uma aula. Tais coisas.

A chuva empapou o livro e lhe deu ondas em um amanhã.

Como aquele que diz adeus quando se despede de alguém que ama

e não sabe se voltará a ver, L. moveu a mão direita, que apareceu perfeitamente na metade esquerda de sua janela. Porém, honestamente, não foi possível definir se o gesto era um adeus ou um pedido de ajuda. Lembre-se.

Quando os dedos de E. forem embora, o cérebro terá ido embora.

Aquela que só vê só deve ser vista, pensou L.

F. persistiu.

X. apanhou sua caneta.

Pequenos traumas, ouviu-se outra vez.

Um imenso círculo negro surgiu como referente da imagem compartilhada na tela. Defino o trauma, disse o professor, enquanto o gato de L. entrava em seu quarto.